

14 de novembro de 2024

Sr. Lazare Eloundou Assomo

Diretor do Centro do Patrimônio Mundial da UNESCO

UNESCO 7, Place de Fontenoy 75352

Paris CEDEX 07 França

l.eloundou-assomo@unesco.org

Sr. Tim Badman

Diretor, Programa do Patrimônio Mundial da IUCN

Sede Mundial da IUCN

Rue Mauverney 28 1196

Gland Suíça

tim.badman@iucn.org

Re: Atualização da Situação do Pantanal Brasileiro e Solicitação de Missão de Monitoramento Reativo à Área de Conservação do Pantanal (Brasil) (N 999) e listagem “em Perigo”

Prezados Sr. Eloundou Assomo e Sr. Badman,

Em nome do Centro para Diversidade Biológica (o Centro), da Environmental Justice Foundation (EJF), do Instituto SOS Pantanal (SOS) e do Onçafari, solicitamos formalmente uma missão de monitoramento reativo à Área de Conservação do Pantanal (Brasil) (n 999) e sua inclusão na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo. Esta solicitação é feita sob a autoridade do Comitê do Patrimônio Mundial, conforme descrito no Artigo 11, parágrafo 4 da Convenção sobre a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural (“Convenção do Patrimônio Mundial”).

A Área de Conservação do Pantanal [doravante "o Pantanal"] enfrenta

"perigos sérios e específicos" que precisam de "grandes operações para sua conservação". Como a maior área úmida tropical do mundo, o Pantanal é crucial para espécies ameaçadas e populações humanas e oferece inúmeros benefícios ecológicos e climáticos. No entanto, incêndios devastadores recentes, causados principalmente por atividades humanas, juntamente com a seca exacerbada pelas mudanças climáticas, alteraram e degradaram significativamente essas áreas úmidas. Políticas públicas insuficientes e fiscalização frouxa contribuíram para a rápida degradação deste bioma e suas contribuições para o armazenamento de carbono, biodiversidade e cultura e meios de subsistência dos povos indígenas.

Em 2023, o Centro do Patrimônio Mundial e os Órgãos Consultivos reconheceram que o fogo é uma parte natural do ecossistema do sítio do Pantanal. No entanto, a seca severa nos últimos 60 anos resultou em incêndios sem precedentes em 2020, impactando 26% do bioma. Eles também observaram que o impacto no Valor Universal Excepcional (VUE) da propriedade permanece obscuro. Portanto, eles recomendaram que o Comitê solicitasse ao Estado Parte que avaliasse o impacto dos incêndios nos atributos do VUE e enviasse as conclusões ao Centro do Patrimônio Mundial quando disponíveis.

Reconhecendo a grave ameaça dos incêndios de 2020 ao status do Pantanal, o Comitê adotou em 2023 a Decisão 45 COM 7B.1 e apelou ao Brasil para reforçar suas capacidades de gerenciamento de incêndios e avaliar os danos infligidos ao VUE da propriedade.

No entanto, em 2024, o Pantanal está novamente em crise, enfrentando sua pior seca em 70 anos. Esta situação pode ser ainda mais terrível do que a vivida há quatro anos. A região está lidando com desafios sem precedentes, incluindo condições severas de seca exacerbadas pelas mudanças climáticas e um dos eventos El Niño mais fortes da história.

Os esforços para gerenciar e mitigar essas crises estão em andamento, mas a escala do problema requer ação urgente e coordenada. Medidas de conservação, estratégias aprimoradas de gerenciamento de incêndios e cooperação internacional são cruciais para proteger este ecossistema único e insubstituível. Sem esforços imediatos e sustentados, o Pantanal enfrenta um futuro incerto, com danos potencialmente irreversíveis ao seu meio ambiente e às espécies que dele dependem.

a. Seca

A seca de 2024 levou a níveis recordes de água, impactando significativamente o ecossistema e as comunidades locais. Os incêndios florestais se intensificaram, com o número de incêndios aumentando em 1.500% no primeiro semestre do ano em comparação com o mesmo período em 2023. Esses incêndios devastaram vastas áreas do pantanal, ameaçando sua biodiversidade e equilíbrio ecológico.

Em outubro de 2024, os rios na bacia amazônica atingiram níveis recordes de baixa devido a uma seca severa que afetou vastas regiões da América do Sul. Meses de redução de chuvas intensificaram incêndios, secaram plantações, interromperam redes de transporte e interromperam a geração de energia hidrelétrica no Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela.

Em 4 de outubro de 2024, dados do medidor de nível do rio do Serviço Geológico Brasileiro revelaram que o Rio Solimões caiu para 254 centímetros abaixo da marca zero do medidor, estabelecendo um recorde de baixa (Figura 1). No mesmo dia, rios próximos às cidades de Porto Velho, Jirau-Justante, Fonte Boa, Itapéua, Manacapuru, Rio Acre, Beruri e Humaitá também atingiram níveis recordes de baixa. Além disso, dados de altura da água coletados por altímetros de satélite e analisados por cientistas da NASA indicaram níveis anormalmente baixos em vários lagos e reservatórios

brasileiros, incluindo o Lago Tefé, Lago Mamia, Lago Mamori, Lago Ariau, Lago Faro e Lago Erepecu.

A seca é em parte devido aos efeitos persistentes do El Niño, um padrão climático que persistiu durante o segundo semestre de 2023 e o primeiro semestre de 2024. Este fenômeno, caracterizado por uma camada de água anormalmente quente no Pacífico equatorial, normalmente altera os padrões de precipitação, reduzindo a precipitação na Amazônia, especialmente durante os meses de estação seca de julho, agosto e setembro. O Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais (CEMADEN) do Brasil também observou que uma área de calor incomum no Atlântico Norte pode ter influenciado os padrões de precipitação e contribuído para a seca.

Mais recentemente, em sua Reunião de Avaliação e Previsão de Impactos de Extremos de Origem Hidrogeoclimática em Atividades Estratégicas para o Brasil, organizada pelo Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden), uma unidade de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), foi declarado que a previsão trimestral indica uma tendência de piora da seca (chuvas abaixo da média ou ausência de chuva) afetando várias regiões do Brasil. As áreas mais impactadas são as regiões da Amazônia, Pantanal e Centro-Oeste, onde as bacias hidrográficas estão apresentando níveis recordes de baixa.

b. Área Queimada

A região do Pantanal foi particularmente devastada por incêndios em 2024. Incêndios precoces e intensos começaram a se espalhar pelas áreas úmidas no final de maio e persistiram até hoje. De acordo com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) do Brasil, junho de 2024 viu um número recorde de detecções de incêndios no bioma, e os incêndios continuaram a queimar em níveis altos desde então.

A NASA relatou incêndios intensos em vários países da América do Sul cobrindo grandes áreas com fumaça ao longo de agosto e início de setembro de 2024. No Brasil e na Bolívia, a atividade de incêndios atingiu níveis não vistos desde 2010, impulsionados por uma seca prolongada que secou as paisagens. A aproximadamente 1,6 milhão de quilômetros de distância, a EPIC (Earth Polychromatic Imaging Camera) da NASA no satélite DSCOVR (Deep Space Climate Observatory) capturou esta visão da fumaça saindo das chamas em 3 de setembro de 2024 (Figura 2).

Segundo dados do Laboratório de Aplicações de Satélites Ambientais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Lasa-UFRJ), de 1º de janeiro a 28 de outubro de 2024, estima-se que 2,7 milhões de hectares tenham queimado no Pantanal, o que representa cerca de 17% da área total do pantanal. Esse número foi aproximadamente 60% maior do que os 1,6 milhão de hectares queimados no mesmo período em 2020 e já ultrapassou a área total queimada no Pantanal ao longo de 2023, que foi de cerca de 940 mil hectares. O Lasa-UFRJ também relata que de 1º de janeiro até esta data, mais de 3 milhões de hectares foram queimados, representando mais de 20% do bioma e configurando o segundo pior ano de incêndios registrado para o Pantanal.

c. Mortalidade da vida selvagem

A vida selvagem está mais uma vez pagando um preço alto com os incêndios catastróficos que irrompem no Pantanal. Entre 28 de junho e 3 de setembro, o Ministério do Meio Ambiente do Brasil relatou que 601 animais já foram resgatados das chamas no Pantanal, com fotos mostrando onças e tamanduás-bandeira sofrendo queimaduras graves (figura 4). No entanto, há o temor de que o número de vítimas possa superar o dos incêndios que devastaram a região em 2020, que mataram aproximadamente 17 milhões de animais e queimaram quase um terço do Pantanal no Brasil.

As chamas até pegaram onças, animais normalmente ágeis o suficiente para escapar da maioria dos perigos. Desde que os incêndios começaram, três onças foram encontradas mortas, enquanto outras quatro foram resgatadas e tratadas de queimaduras, de acordo com conservacionistas da região.

As onças-pintadas são listadas como vulneráveis no Brasil, que abriga cerca de metade da população mundial de onças-pintadas. Este ano, mais uma vez, os incêndios atingiram o Parque Estadual Encontro das Águas, uma reserva que abriga a maior densidade de onças-pintadas do mundo (quatro a oito animais por 40 milhas quadradas). De acordo com o Lasa-UFRJ, cerca de um terço do parque queimou até o momento e especialistas temem que o número de mortes de onças-pintadas e muitos outros animais possa aumentar.

d. Perda Humana: Incêndios em Terras Indígenas e Áreas Protegidas

A frequência crescente de incêndios representa uma grave ameaça à maior área úmida tropical do mundo, colocando em risco sua vida selvagem, os meios de subsistência e a cultura das pessoas que vivem lá. Embora os incêndios no Pantanal destruam principalmente o ecossistema, seu impacto sobre os humanos é significativo, embora muitas vezes menos diretamente documentado do que as vítimas da vida selvagem. Em agosto, por exemplo, Edson Genovez, um trabalhador rural de 32 anos, sofreu queimaduras em 90% do corpo ao tentar controlar as chamas na fazenda onde trabalhava no Pantanal. Tragicamente, ele faleceu alguns dias depois.

Os impactos dos incêndios são democráticos e não reconhecem fronteiras, afetando igualmente áreas protegidas e territórios indígenas dentro da maior área úmida tropical do mundo.

No Pantanal Norte, por exemplo, estima-se que 96% da Estação Ecológica de Taiamã será queimada por incêndios até o final de 2024. Criada para promover o desenvolvimento de atividades científicas relacionadas à

conservação, essa unidade de conservação está em uma área que abriga uma das maiores diversidades de fauna do mundo.

Enquanto isso, a terra indígena Kadiwéu, a maior do Pantanal, e a terra indígena Perigara queimaram, respectivamente, mais de 87% e 78% de sua área neste ano.

e. Desmatamento

Além das secas extremas, o Pantanal está severamente ameaçado pelo desmatamento devido à intensificação das atividades agrícolas, que avança rapidamente para as regiões úmidas.

De acordo com o último Relatório Anual de Desmatamento do MapBiomas, em 2023, o Pantanal experimentou a maior área média de eventos de desmatamento entre todos os biomas, com 158,2 hectares por evento, marcando um aumento de 59,2% em relação a 2022. Um total de 49.673 hectares de vegetação nativa foram desmatados no ano passado. Pelo terceiro ano consecutivo, o Pantanal teve a maior taxa média de desmatamento, com 2,1 hectares por dia por evento. As formações florestais e de savana representaram 73% do desmatamento, com quase todo (99%) ocorrendo em áreas privadas.

O município de Corumbá abrange 60% do Pantanal e foi responsável por metade do desmatamento no bioma no ano passado, principalmente devido à agricultura (figura 5). Foi também o quinto município que mais desmatou no Brasil em 2023. Mais da metade (52%) do desmatamento no Mato Grosso do Sul ocorreu no Pantanal, que representa menos de um terço do território do estado.

f. O Pantanal pode desaparecer

Em julho, quando cerca de 1,5 milhão de hectares já haviam sido queimados no Pantanal este ano, o Ministro da Agricultura e Pecuária do Brasil, Carlos

Fávaro, alertou que o país perderia o Pantanal se medidas não fossem tomadas para restaurar o bioma.

Mais recentemente, com a área queimada estimada no pantanal atingindo 2,6 milhões de hectares, a Ministra do Meio Ambiente Marina Silva apoiou o alerta. Ela disse que o Brasil pode perder o Pantanal até o final do século se tendências ambientais como baixa pluviosidade e seca não forem revertidas.

O Pantanal, tendo perdido 74% de sua superfície de água nos últimos 38 anos, está secando e queimando rapidamente. Essa taxa alarmante de degradação ameaça sua existência, arriscando a perda de seu status como a maior área úmida tropical da Terra e seu papel vital no sequestro de grandes quantidades de carbono, o que tem implicações significativas para a humanidade.

Solicitação

O Pantanal exige urgentemente a adoção de medidas para interromper a destruição que está sofrendo, em grande parte causada pelas mudanças climáticas e de uso da terra, exacerbadas pela ação humana. A Convenção do Patrimônio Mundial não pode cumprir seus objetivos se os ecossistemas que pretende proteger forem severamente danificados por incêndios em andamento, atividades do agronegócio e recursos insuficientes para combater incêndios, agravados pela falta de diligência e vontade política no Brasil para implementar medidas de proteção eficazes. Portanto, solicitamos urgentemente que o Comitê, o Centro do Patrimônio Mundial e a IUCN tomem as seguintes ações:

- Propor uma Missão de Monitoramento Reativo, em coordenação com qualquer missão semelhante sob a Convenção de Ramsar, para visitar a propriedade, avaliar a natureza e a extensão de as ameaças e recomendar medidas para mitigar os riscos à conservação do Pantanal.

- Instar o Estado do Brasil a aderir às suas obrigações sob a Convenção e implementar políticas e regulamentos para lidar com as ameaças enfrentadas pelo sítio do Pantanal.
- Propor que a Propriedade seja incluída na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo.

Agradecemos a oportunidade de discutir este tópico com você e ficaremos felizes em responder a quaisquer perguntas que você possa ter.

SIGNATÁRIOS

Alejandro Olivera

Cientista Sênior e Representante do México
CENTRO DE DIVERSIDADE BIOLÓGICA
Álvaro Obregón 460 Centro 23000
La Paz, BCS, MÉXICO
diversidade biológica.org

Luciana Leite

Representante Chefe e Advogado Principal - Brasil
Fundação de Justiça Ambiental
2º andar, Gensurco House, 3-5 Spafield St London, Reino Unido

Leonardo Gomes

Diretor-executivo
Instituto SOS Pantanal
Rua Estefânia, 88, Campo Grande - Mato Grosso do Sul, Brasil

Mário Haberfeld

CEO
Associação Onçafari
Avenida Magalhães de Castro, n 4.800, Cidade Jardim

Conjunto 603 / Torre 3

São Paulo – SP / Brasil - CEP: 05676-120

Cc.: Sr. Cara Debonnet, Chefe da Unidade de Patrimônio Natural. Centro do Patrimônio Mundial, UNESCO Cc Sr. Mauro Rosi, Chefe da Unidade da América Latina e Caribe. Centro do Patrimônio Mundial, Cc UNESCO Sr. Peter Shadie, Conselheiro Sênior, Patrimônio Mundial, IUCN World Heritage Outlook